

‘Não queria estar na pele do ministro’

Germano de Sousa analisa o estado da saúde em Portugal e no concelho de Cascais

Médico patologista clínico, José Germano de Sousa preside à administração e é director clínico do Grupo Germano Sousa, detentor de vários centros de medicina laboratorial espalhados pelo país, um dos quais em Cascais. O antigo bastonário da Ordem dos Médicos (1999 a 2005) é um observador atento da realidade política nacional e, sobretudo, do estado a que chegou a saúde em Portugal. Considera que a tarefa do actual ministro da Saúde é “espinhosa”, mas reconhece que Paulo Macedo “está no caminho certo”. Centrado na sua actividade profissional, Germano de Sousa nega qualquer ambição política, mas acompanha com particular interesse tudo o que se passa na região. Apesar das diferenças partidárias, admite que Carlos Carreiras está a desempenhar bem a sua missão como presidente da Câmara de Cascais.

Que imagem tem sobre o estado actual da saúde em Cascais?

Não tenho grande conhecimento do que se passa no Hospital de Cascais, mas as opiniões que me chegam é que as pessoas estão satisfeitas. Mas não conheço o novo hospital, apesar de me ter batido muito pela sua concretização, quer como deputado municipal, quer como bastonário da Ordem dos Médicos, não tive o privilégio de ser convidado para a sua inauguração.

E a gestão privada, por vezes tão criticada, trará benefícios ao serviço?

O exemplo que tenho é o do Hospital Amadora-Sintra. Quando tinha gestão privada e

os seus números eram comparados com o Hospital Garcia de Orta (Almada), mostrava resultados francamente superiores e custos muito menores e sem défice. Nunca deu prejuízo ao Estado. Em relação ao Hospital de Cascais, este tipo de parceria público-privada traz grandes benefícios para o Estado, pois permite consideráveis reduções de custos.

E na óptica do utente?

Tanto quanto sei, a qualidade é idêntica e muitas vezes chega a ser superior à dos restantes hospitais do Serviço Nacional de Saúde.

Nesta altura fala-se muito da sustentabilidade do Serviço Nacional de Saúde. Alguma vez será possível atingir esse objectivo?

É necessário que se mudem algumas práticas que passam, exactamente, por acabar com o excesso de desperdício. Isso passa pela concorrência livre entre hospitais públicos e privados. O que defendo é o modelo que está já em curso na Holanda e no Reino Unido, em que o Estado define quanto quer gastar com a saúde, elabora tabelas para cada acto médico e dá liberdade de escolha ao utente quanto à unidade prestadora do serviço.

E estaremos preparados para essa liberalização?

Isto não é uma liberalização. Isto é o Estado a manter uma curva de custos certa e equilibrada.

Mas temos condições para avançar para uma solução desse tipo?

Agora, com a ‘troika’, isso é impossível, mas quando voltarmos a ser independentes, deveremos estudar esse modelo.



Antigo bastonário da Ordem dos Médicos preside à administração e é o director clínico do grupo que gere centros de medicina laboratorial em vários pontos do país

E porque não avançamos antes da ‘troika’. Foi bastonário da Ordem dos Médicos. Alguma vez apresentou esta proposta?

Cheguei a propor isso, está escrito. Até propus que os hospitais funcionassem como uma ‘holding’ em que cada serviço hospitalar fosse uma unidade independente que vivia em função da procura.

Então, não foi ouvido...

Nunca houve vontade política neste aspecto e sabe porque? Porque as ideologias dominam nesta matéria. Há núcleos e redes de poder napoleónico e concentrador que nunca o permitiriam. Se houvesse concorrência, os hospitais poderiam redimensionar-se e adequar-se à procura...

Independentemente do modelo a seguir, concorda que nada pode ficar como até aqui?

Sim, pois se nada for feito, não sei o que vai acontecer ao SNS. O actual ministro tem avançado com muitos cortes na despesa, mas isso só não chega. São necessárias reformas de fundo e não apenas cortes, por vezes cegos...

E como analisa a prestação do actual ministro da Saúde?

Bom, eu não queria estar na pele do Dr. Paulo Macedo. Tenho estima pessoal por ele e acho que é um homem com uma enorme coragem. Porém, deve sentir-se um pouco só naquele ministério. Precisava de ter uma equipa que o ajudasse mais em algumas das suas decisões. Tal como estava, a saúde em Portugal tinha grande qualidade, mas custos muito elevados face a essa qualidade. Gastava-se de forma completamente desequilibrada e sem controlo. O senhor ministro, quanto a mim bem, introduziu medidas de disciplina financeira necessárias há já muito tempo...

Paulo Parracho

Na vanguarda da inovação

Como nasceu o Grupo Germano Sousa?

Sou médico patologista clínico, fui professor da Faculdade de Ciências Médicas, onde fundei o Curso de Mestrado em Patologia Clínica, durante vinte anos e sempre tive a preocupação de exercer esta especialidade com muita dignidade e na vanguarda dos avanços tecnológicos, sob o ponto de vista da investigação. Mas, verifiquei que neste país deu-se um fenómeno muito complicado e intrigante, pois muitos dos médicos tinham os seus laboratórios privados e de um momento para o outro este sector tornou-se apeteçível para grupos estrangeiros. Alicerçados em fundos de capitais de risco desataram a comprar laboratórios médicos. De repente percebi que estava a ficar sozinho. Como em 2003, os meus dois filhos já eram patologistas clínicos, perguntei-lhes o que iríamos fazer para preservar um laboratório português, de capital português e para fazer frente a esta investida estrangeira, mantendo as boas regras e as boas práticas técnicas, médicas e éticas. Foi isso que fizemos. Apostámos sempre na qualidade, na actualização e na investigação e fomos crescendo por todo o país, onde temos vários laboratórios e dezenas de pontos de recolha.

Estão muito atentos à inovação e à evolução da ciência médica e são pioneiros num teste molecular que contribui para o diagnóstico do cancro da próstata, o PCA3...



Temos tecnologia e avanço científico em áreas tão importantes como o diagnóstico do cancro da próstata, através de um teste molecular executado numa amostra de urina, onde detectamos o gene PCA3, que é expresso em mais de 95% dos tecidos prostáticos carcinomatosos. É uma técnica única no país. Também estamos muito preparados para os casos de doenças oncológicas do sangue, como as leucemias ou linfomas... Fazemos todas as análises possíveis e imaginárias nesta área da medicina, com um atendimento muito personalizado, com instalações dignas e pessoal altamente qualificado.

E hoje em dia, com a tendência de captar para dentro dos hospitais os serviços prestados fora deles, não teme perder quota de mercado?

Nos últimos dois anos todos os laboratórios registaram perda de receitas, quer pela redução de preço imposta pelo Ministério da Saúde, quer pela redução do número de pedidos. Quanto a nós, a percentagem de atendimentos relativos ao Serviço Nacional de Saúde é menor face aos outros convencionados,

o que não nos torna dependentes dessas medidas. Mesmo assim, em Mirandela, por exemplo, houve uma decisão de levar para dentro do hospital todo o serviço de análises clínicas, o que vai ser contestado na justiça, mas que origina custos mais elevados para o próprio hospital e redução de eficácia no serviço. Aqui em Lisboa há liberdade de escolha por parte do doente, que pode fazer os seus exames no hospital ou recorrer aos laboratórios privados. E é isso que diz a Lei e o programa eleitoral do PSD.

Mas, do ponto de vista político, preocupa-o a possibilidade dos hospitais chamarem a si os serviços até aqui assegurados por laboratórios privados?

Nesta zona, não vejo como os hospitais e centros de saúde podem ter capacidade para isso. O exemplo de Mirandela resulta numa medida tola que acarreta mais custos para o Estado.

Como assim?

Há estudos que revelam que uma análise feita num hospital do Estado ficava em média 40 centimos mais cara (23%) do que o valor médio pago por análise ao convencionado. Isto ainda antes do abaixamento de 12,5% nos preços acordados. Depois desta baixa ficará cerca de 50 centimos mais cara, ou seja 33%. Mesmo apesar desta evidência, a Unidade Local de Saúde do Nordeste Transmontano resolveu proibir os doentes de irem aos laboratórios privados. Não se entende! Gostam de desperdiçar.

Carlos Carreiras tem cumprido a sua missão

Cascais prepara um projecto para se tornar numa zona preferencial para o chamado turismo de saúde. Como homem da saúde e cidadão de Cascais, como analisa essa aposta?

Aplaudo o senhor presidente da Câmara, Dr. Carlos Carreiras, pelo qual tenho grande consideração. Ainda bem que ele avança por aí. Sempre defendi que somos um país ideal para ter um ‘cluster’ de saúde e o concelho de Cascais está muito bem localizado para o fazer. Tem estruturas fantásticas, como o golfe, o casino, as termas e excelentes unidades hoteleiras, que podem oferecer um serviço medicalizado aos seus clientes. Podemos cativar o tu-

rista que precisa de cuidados de saúde, mas quer continuar a jogar golfe; ou aquele que tem um seguro de saúde no seu país, mas que aqui pode fazer todo o tipo de intervenções cirúrgicas a preços muito mais baixos.

E já que falamos de Cascais, como tem acompanhado a presidência de Carlos Carreiras?

Com muita simpatia e com a certeza de que o senhor presidente Carlos Carreiras é um homem que, genuinamente, se preocupa com Cascais. Não tenho a mínima dúvida disso. Apesar das diferenças políticas que nos separam, tenho de admitir que tem desempenhado bem a sua missão.

